

Malan diz que só quem não conhece o Brasil compara o país à Nigéria

Ministro critica taxa de risco e atribui parte da turbulência à especulação

Enio Vieira e Martha Beck

• BRASÍLIA. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, pôs em dúvida ontem a importância da taxa de risco, afirmando que somente quem não conhece o Brasil e a Nigéria pode acreditar que os dois países têm a mesma situação econômica e financeira. A turbulência no mercado internacional fez com que o risco Brasil atingisse 1.600 pontos no índice Emibi, medido pelo banco J.P. Morgan, ultrapassando o nível da Nigéria e ficando atrás apenas do da Argentina. Segundo Malan, a avaliação de risco do Brasil no exterior cairá à medida que os candidatos à Presidência demostrem clareza sobre o regime fiscal:

— Deveríamos chamar o risco Brasil de índice de variação dos preços do C-Bond (título externo mais negociado). Só quem não conhece o Brasil e a Nigéria pode acreditar nessa decisão — disse Malan, na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado.

Ministro: dívida pública é administrável

De acordo com o ministro, as avaliações de risco de países e empresas aumentaram depois dos atentados terroristas de 11 de setembro e das fraudes contábeis que levaram a Enron à falência. Malan lembrou que a inadimplência dos bônus das empresas de alto-risco também provocou um aumento da tensão entre os investidores. O calote dessas empresas somou US\$ 125 bilhões nos últimos 18

Roberto Stuckert Filho



PEDRO MALAN, ao lado do senador Lúcio Alcântara: Brasil não é Argentina

meses nos EUA. Segundo ele, a situação fica ainda mais grave com a fraca recuperação da economia americana e os problemas enfrentados pelo Japão.

— Não podemos escolher o mundo em que vivemos. O Brasil deve ter uma ação internacional conjunta com outros países e precisa de uma política de estado. Jamais convenceremos o mercado internacional sem mostrar responsabilidades políticas domésticas.

Malan atribuiu ainda a turbulência à especulação. Ele classificou de infelizes declarações como a do megainvestidor George Soros, de que o mercado vai impor a vitória do candidato tucano, José Serra. Malan disse ainda que não há razões para acreditar em perda de investimento externo para o Brasil, que necessita de US\$ 50 bilhões

anuais para fechar as contas.

O ministro disse aos senadores que a dívida pública é administrável. Ele lembrou ainda que 60% do aumento da dívida resultam do fato de o governo ter assumido débitos de estados e municípios que estavam quebrados.

— É um absurdo que agora sejamos penalizados por termos assumido esqueletos e renegociado as dívidas de 25 estados e 183 prefeituras.

Ele garantiu que a situação Brasil é diferente da Argentina, que tem como maiores problemas os conflitos entre o governo federal e as províncias, a crise no sistema bancário, a dívida externa e o corralito.

— O Brasil não tem nenhum desses problemas — disse Malan. ■